

JESUS CRISTO: SUMO SACERDOTE ETERNO SEGUNDO A ORDEM DE MELQUISEDEC

Macionila Campos de Oliveira¹

Resumo

A presente pesquisa aborda a ressignificação cristã do sacerdócio antigo à luz de Jesus Cristo. Seu principal objetivo é compreender o tema proposto com base na Epístola aos Hebreus. Analisa-se, em primeiro lugar, a Carta aos Hebreus, a fim de identificar a mensagem central que levou o autor a reconhecer, em Jesus, o verdadeiro Sumo Sacerdote para os cristãos. Em seguida, discorre-se sobre o antigo sacerdócio judaico e, por fim, sobre a ressignificação cristã. Pretende-se, por meio desta investigação, aprofundar a compreensão acerca da ideia do sacerdócio de Cristo.

Palavras-chave: Hebreus. Sacerdócio. Ressignificação.

1 INTRODUÇÃO

O sacerdócio antigo ocupa lugar central na vida religiosa de Israel. O sacerdote era um mediador entre Deus e o povo. No entanto, para entrar nessa relação, era imposto uma condição: “impregnar-se de santidade, graças a uma consagração” (Vanhoye, 1983, p. 16). Por isso, eram necessários os rituais de purificação, os sacrifícios e a separação do mundo profano.

Com o passar do tempo, após fazer uma releitura das antigas funções sacerdotais, por meio de referências do Antigo Testamento, o autor da Carta aos Hebreus compreendeu que Jesus Cristo ressignificou o antigo sacerdócio, pois recebeu de “Deus o título de Sumo Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec” (Hb 5,10). Por meio desse argumento, o autor sagrado apresentou o sacerdócio de Cristo como superior aos demais.

¹ Graduada do curso de Bacharelado em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestranda em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: macionila.2021107920@unicap.br

Com base nessa perspectiva, para o desenvolvimento desta pesquisa, a Carta aos Hebreus será o ponto de partida na compreensão da ressignificação do sacerdócio cristão.

2 A CARTA AOS HEBREUS

A Carta aos Hebreus é um escrito do Novo Testamento que aborda o sacerdócio de Cristo como ideia central. O autor afirma: “O tema mais importante da nossa exposição é este: temos tal sacerdote que se assentou à direita do trono da Majestade nos céus” (Hb 8,1). A Epístola aos Hebreus é o único escrito neotestamentário que intitula Jesus como Sacerdote e Sumo Sacerdote. Com essa temática, o autor preocupou-se em “estimular a comunidade cristã a viver sua fé” (Vanhoye, 1983, p. 7).

Considerando tal abordagem, desde os primórdios do cristianismo surgem diversos questionamentos acerca da Epístola: qual a situação dos cristãos no período em que foi escrita? O autor da Epístola aos Hebreus seria um judeu convertido ao cristianismo? Qual a comunidade destinada, a data e o local de composição? Ao longo dos séculos, os estudiosos tentaram decifrar esses enigmas. Contudo, alguns são incógnitas que tendem a permanecer sem resposta definida, continuam a emergir no cristianismo contemporâneo e contribuem nos diversos estudos bíblico-teológicos.

Nesse cenário de incertezas históricas, sabe-se, com base no próprio conteúdo da carta, que os cristãos daquele período enfrentavam sérias tribulações (Hb 10,32-34), que, ao que tudo indica, foram promovidas pelo Império Romano, por grupos radicais do judaísmo ou por outras correntes que se opunham à fé cristã. Nesse contexto, o autor orientou os cristãos a manterem-se firmes: “é de perseverança que tendes necessidade, para cumprirdes a vontade de Deus e alcançardes o que ele prometeu” (Hb 10,36). Diante das dificuldades enfrentadas, os cristãos mostravam sinais de desânimo. Desse modo, deveriam recordar que tinham um “Sumo Sacerdote misericordioso e fiel”, que foi provado e que, por isso, tornou-se capaz de socorrer os que, como Ele, passavam por provações (Hb 2,17-18).

Além das dúvidas sobre o contexto histórico da Carta aos Hebreus, durante muito tempo acreditou-se que ela foi escrita pelo apóstolo Paulo. Essa atribuição estendeu-se a diversos personagens influentes do período, como Barnabé, Apolo e outros homens e mulheres (Vanhoye, 1983, p. 9). Sabe-se, entretanto, que o autor demonstra profundo conhecimento do Antigo Testamento e destina sua obra não aos hebreus, mas aos cristãos, conforme se observa em Hb 3,14. Com base nas descrições presentes em Hb 10,1-3,11 e 9,10, é possível que o escrito seja de pouco antes do ano 70 d.C. (Vanhoye, 1983, p. 9).

Quanto à estrutura do texto, embora contenha um pequeno trecho final que sugere uma saudação epistolar (Hb 13,22-25), não se caracteriza como uma carta. Trata-se de um sermão, no qual foi “transcrito um bilhete de acompanhamento, redigido quando o texto desse sermão foi enviado a alguma comunidade distante” (Vanhoye, 1983, p. 10). Em razão disso, o escrito pertence ao gênero literário da pregação e foi dedicado aos cristãos primitivos do século I. Quanto ao título “Hebreus”, este é considerado o nome próprio da obra conhecida como Carta aos Hebreus (Vanhoye, 1983, p. 10-11), mas não há ligação direta entre o nome e o conteúdo da obra. Na verdade, foi atribuído muito tempo depois. É provável que tenha recebido tal nome com o intuito de desestimular o interesse dos cristãos pelo conteúdo ou até mesmo distorcer a perspectiva apresentada (Vanhoye, 1983, p. 7). Apesar dessas questões, o texto conhecido como Carta aos Hebreus “realiza uma vigorosa síntese da fé cristã, centrada no tema do sacerdócio” (Vanhoye, 1983, p. 7), com a intenção de transmitir profundas mensagens teológicas capazes de fortalecer a fé cristã em todos os tempos.

3 SACERDÓCIO JUDAICO NO O ANTIGO TESTAMENTO

Ao longo dos séculos, em diversas culturas e religiões, encontram-se documentações históricas que fazem referência à presença de sacerdotes, com seus distintos rituais de sacrifício e purificação, formas de organização das responsabilidades sacerdotais e lugares de culto próprios de cada povo.

No que diz respeito às funções sacerdotais do antigo Israel, destacam-se inúmeras mudanças no decorrer do período histórico (Vanhoye, 1983, p. 14). Atualmente, não são atribuídas essas antigas práticas ou rituais sacerdotais aos que exercem o ministério presbiteral.

No entanto, a cultura judaica do antigo Israel, além de atribuir práticas rituais aos seus sacerdotes, afirmava que eles eram “guardiões das sagradas tradições do culto e do conhecimento de Deus” (Mckenzie, 1983, p. 818). Além de Israel, é provável que os sacerdotes de outros povos também fossem considerados aqueles que preservavam seus costumes históricos. Desse modo, desempenharam um papel importante “na escrita dessas tradições” (Mckenzie, 1983, p. 818). Esses relatos ajudaram na preservação do conhecimento religioso e histórico antigos, enriquecendo, de certa forma, as diferentes civilizações.

Diante dessas considerações, convém destacar que, no contexto do antigo Israel, compreendia-se que o povo não possuía uma santidade plena que o permitisse à aproximação direta com Deus (Ex 19,12; 33,3). Por essa razão, tornou-se necessário designar alguém que fizesse uma conexão entre ambos e derrubasse os muros que dividiam as duas esferas. Com base nessa necessidade, instituíram sacerdotes.

O ministério do sacerdócio não se destinava a mulheres, embora elas exercessem importante papel na constituição da fé do povo israelita. Porém, o contexto bíblico era totalmente patriarcal. Por esse motivo, o sacerdócio era destinado apenas a homens, mas nem todos os homens eram escolhidos para tal função, mas, sim, os que foram chamados por Deus (Hb 5,1), tais como Aarão e Levi.

No entanto, aos chamados eram estabelecidas condições: aquele que fora separado por Deus deveria pertencer a uma tribo escolhida para o ministério. Dentro dessa tribo, separava-se uma família com consagração especial para o serviço sacerdotal. Nessa família, escolhia-se o sacerdote, a fim de ser o intermediário entre Deus e o povo. A consagração sacerdotal o separava do ambiente terrestre para o meio celeste (Vanhoye, 1983, p. 16).

Assim, “O sacerdote [...] tem a responsabilidade social das relações com Deus, ou seja, tem um papel de mediador” (Vanhoye (1983, p. 15).

Contudo, para que essa mediação se realizasse, o sacerdote israelita deveria cumprir uma série de rituais: “banho, unção, vestes sagradas, imolação de animais (Ex 29; Lv 8; Vanhoye, 1983, p. 57). Além disso, eram responsáveis pelos sacrifícios rituais (Lv 1-9; 16), o controle sanitário (Lv 13-14), à leitura da sorte (Dt 33,8; 1Sm 14,36-42; 23,9-12), a algumas questões jurídicas (Nm 5,11-31), ao ensinamento sobre normas divinas (Dt 33,9-10; 31,9-26), até a transmissão de bênçãos para o povo (Nm 6,22-27; Eclo 45,15).

Caso o sacerdote não cumprisse tais prescrições, não lhe era possível realizar uma verdadeira aproximação entre Deus e o povo, do qual se tornara intermediário. Além do mais, na mentalidade religiosa do antigo Israel, o encontro com Deus não acontecia fora do ambiente sagrado. Esse local deveria ser separado dos demais, pois era sagrado, preparado para esse encontro e dedicado ao culto. Nesse ambiente, o sacerdote deveria realizar, além dos ritos de purificação prescritos para as cerimônias, a prática dos sacrifícios (Vanhoye, 1983, p. 16-17).

O sacerdote precisava apresentar sacrifícios, porque apesar de todos os ritos de purificação, ele permanecia homem mortal e pecador. Não lhe era possível o pleno contato com o mundo celestial. A partir dessa carência, o mediador deveria escolher uma vítima para ser oferecida em sacrifício. Porém, o animal selecionado deveria cumprir as normas sacrificais, pois não se ofereciam animais impuros. O animal puro, ao ser queimado, tinha sua fumaça elevada ao céu como oferenda (Gn 8,20-21; Lv 1,9. 17, etc.; Vanhoye, 1983, p. 17). Sendo imolado sobre o altar do templo, considerava-se que seu sangue era jogado no trono de Deus, pois era imolado pelos pecados do povo (Lv 16,14-15). Segundo Vanhoye (1983, p. 17), o antigo culto de mediação era concebido de acordo com esse imaginário. Por isso, a fim de estar puro diante de Deus, cumprir os inúmeros rituais e prescrições para a função sacerdotal tornou-se uma séria obrigação para o sacerdote judeu. Acreditava-se que a separação do mundo terrestre para o serviço

sagrado, bem como as oferendas sacrificais, fazia com que se alcançasse a plena aproximação com Deus, ou seja, deixando o mundo profano, o sacerdote entrava na esfera do Sagrado (Vanhoye, 1983, p. 17).

A partir dessas concepções, destacam-se três importantes pontos esquemáticos da antiga mediação israelita. Primeiramente, os elementos ascendentes, representados pelas separações rituais, que culminam na oferenda de um animal imolado a Deus. Em segundo lugar, o elemento central: a admissão do sacerdote na habitação divina. Por fim, os elementos descendentes, nos quais, o sacerdote deveria comunicar ao povo aquilo que recebeu de Deus. Isso significa que ele tinha o dever de transmitir as dádivas celestiais: as normas, as bênçãos e o perdão de Deus (Vanhoye, 1983, p. 18), ou seja, ele deveria construir uma ponte de ligação entre o mundo humano, imperfeito, e o celestial, repleto de perfeição. Essas reflexões são fundamentais para a compreensão do sacerdócio descrito na Carta aos Hebreus, sobretudo porque permitem identificar os elementos ressignificados por meio de Cristo, verdadeiro Sumo Sacerdote da fé cristã.

4 RESSIGNIFICAÇÃO CRISTÃ DO ANTIGO SACERDÓCIO JUDAICO

O autor da Carta aos Hebreus interpretou que o novo sacerdócio de Cristo rompeu com a antiga estrutura sacerdotal de Israel. Apesar de suas argumentações teológicas, compreender a ressignificação cristã do sacerdócio tornou-se algo complexo para os cristãos primitivos, pois reflexos da antiga tradição religiosa persistiam na mentalidade de muitos, como o Dia das Expiações (Lv 16), os rituais, os sacríficos, o lugar sagrado para o culto, entre outros. Por esse motivo, chamar Jesus de Sacerdote ou Sumo Sacerdote era algo revolucionário, pois havia inúmeras diferenças entre o seu sacerdócio e o sacerdócio antigo. Entre elas, identificou-se um afastamento geográfico e ideológico considerável em relação a Jerusalém e à situação do Templo, bem como de suas práticas religiosas (Vouga, 2009, p. 429). Além dessas rupturas, Jesus não pertencia às tribos ou famílias escolhidas para o ministério sacerdotal. Nem sua vida, nem sua missão,

tampouco sua morte se assemelhava à antiga estrutura sacerdotal (Vanhoye, 1983, p. 18-19). Como, então, compreender esse novo modo de ser sacerdote?

Com base em textos referentes ao antigo modelo sacerdotal destacados na Sagrada Escritura, como o Salmo 110,4, o autor de Hebreus reconheceu que Jesus ressignificou o sacerdócio, pois recebeu de “Deus o título de Sumo Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec” (Hb 5,10). Melquisedec foi descrito em Gn 14,18-20 como enviado de Deus Altíssimo; além disso, apresentou-se como uma figura messiânica, cuja ordem possuía um ministério sacerdotal eterno, santo e isento de pecado (Vouga, 2009, p. 428). A partir dessa perspectiva, confirmou-se que o sacerdócio de Cristo não ocorreu “segundo a regra da prescrição carnal, mas de acordo com o poder de sua vida imperecível” (Hb 7,16). Por essa razão, seu sacerdócio durará para sempre (Hb 5,6), justamente por não estar limitado às estruturas terrenas, uma vez que fora instituído por Deus. Ele foi “tornado perfeito para sempre” (Hb 7,28), por meio de seu sacrifício único e irrepetível (Hb 7,27).

Nesse contexto, Jesus assumiu o papel de verdadeiro mediador, rompeu com as antigas divisões e aproximou o povo de Deus em todas as gerações. Ao contrário dos sumos sacerdotes judaicos, que eram vistos como distantes ao entrarem de forma solene no espaço “sagrado e inacessível do templo” (Pagola, 2014, p. 552), Ele uniu o povo a Deus, sem a “preocupação com a pureza ritual, dando lugar a um dinamismo de reconciliação e comunhão” (Vanhoye, 1983, p. 19). Somente Cristo conseguiu transmitir de Deus ao gênero humano o perdão dos pecados, pois fora instituído por Deus “Sumo Sacerdote misericordioso e fiel” (Hb 2,17), que se ofereceu uma única vez (Hb 7,27) pela humanidade, sendo “santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e elevado acima dos céus” (Hb 7,26). A partir dessas argumentações, os cristãos primitivos compreenderam que, com a ressignificação cristã do sacerdócio, não haveria mais a necessidade de apresentar sacrifícios, de realizar os diversos rituais ou de manter os cultos antigos, pois a oferenda perene da vida de

Cristo transformou as práticas sacerdotais do passado em uma verdadeira experiência de comunhão com Deus, válida para a humanidade em todos os tempos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na breve pesquisa, percebeu-se que a Carta aos Hebreus apresenta uma profunda mensagem teológica da ressignificação cristã do antigo sacerdócio, por meio do novo e perene sacerdócio de Cristo. Seu sacrifício único e irrepetível superou toda a linhagem sacerdotal terrena e imperfeita, pois, por ser Filho, recebeu de Deus o título de “Sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec” (Hb 5,10), tornando-se o único e verdadeiro mediador que transpôs as barreiras das antigas divisões.

Essa compreensão foi essencial para o fortalecimento da fé cristã primitiva diante dos problemas surgidos naquele período. Desse modo, o autor da Carta aos Hebreus concluiu que Jesus Cristo ressignificou o antigo sacerdócio judaico, sem deixar de ser quem ele é: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; ele o será sempre” (Hb 13,8). Assim, tendo um Sacerdote para sempre junto de Deus (Hb 8,1), os cristãos contemporâneos são chamados a participar de seu sacerdócio, ofertando suas vidas àquele que ressignifica, em si, todas as coisas.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- MCKENZIE, John L. Dicionário bíblico. 9a ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- PAGOLA, José Antônio. Jesus: aproximação histórica. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- VANHOYE, Albert. A mensagem da Epístola aos Hebreus. São Paulo: Paulinas, 1983.
- VOUGA, François. A Epístola aos Hebreus. In: MARGUERAT, Daniel. (Org.). Novo Testamento: história, escritura e teologia. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2009; p. 419-443.